

ENFRENTAMENTOS COTIDIANOS DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA

DAILY FACING OF FOREIGN STUDENTS IN A PUBLIC SCHOOL

Brenda Dias Lopes¹
Tamiris Teixeira de Carvalho²
Walysson Miranda Medeiros³
Ana Cláudia Molina Zaquieu Xavier⁴

RESUMO

Compartilhar vivências de residentes do Programa Residência Pedagógica (PRP) de uma instituição de ensino superior do Estado de Minas Gerais, do curso de Licenciatura em Matemática, em uma escola pública da cidade, parceira do Programa, sobre a temática da inclusão de alunos imigrantes e seus enfrentamentos cotidianos é objetivo desse relato. Para tanto, a partir de uma pesquisa qualitativa desenvolvida no contexto supracitado, foi produzido um questionário anônimo, disponibilizado em dois idiomas - português e inglês - e respondido por estudantes matriculados no Ensino Fundamental e Médio. Tais dados foram tomados como fonte narrativa a partir das quais foram evidenciados alguns enfrentamentos cotidianos dos estudantes estrangeiros na escola. Os dados dizem sobre a dificuldade de adaptação ao idioma, o estranhamento das pessoas diante de seus costumes, crenças e religião e o fato de muitos conteúdos matemáticos terem sido vistos, anteriormente, em seus países de origem. Concluiu-se que a maioria dos estudantes estão integrados, mas não incluídos na escola.

Palavras-chave: Inclusão. Programa Residência Pedagógica. Educação Matemática.

ABSTRACT

Share experiences of residents of the Pedagogical Residency Program (PRP) of a higher education institution in the State of Minas Gerais, of the Mathematics Degree course, at a public school in the city, a partner of the Program, on the topic of inclusion of immigrant students and Their daily confrontations are the objective of this report. To this end, based on qualitative research developed in the aforementioned context, an anonymous questionnaire was produced, available in two languages - Portuguese and English - and answered by students enrolled in Elementary and Secondary Education. Such data were taken as a narrative source from which some of the daily struggles of foreign students at school were highlighted. The data talks about the difficulty of adapting to the language, people's strangeness regarding their customs, beliefs and religion and the fact that many mathematical contents had previously been seen in their countries of origin. It was concluded that the majority of students are integrated, but not included in the school.

Keywords: Inclusion. Pedagogical Residency Program. Mathematics Education.

¹ Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Email: anienes@ufu.br

² Licencianda em Matemática pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Email: tamiris.carvalho@ufu.br

³ Mestrando pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Email: walysson.medeiros@ufu.br

⁴ Doutorado e mestrado em Educação Matemática pela Universidade Federal de Uberlândia. Docente da Faculdade de Matemática e do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. Email: ana.zaquieu@ufu.br

DIÁLOGO INICIAL

Desde o início da humanidade, por diferentes motivos, há movimentos migratórios e de refúgio. Nesse sentido, dizemos que um sujeito é refugiado quando ele busca, em outros países, condições de vida na qual não é perseguido por suas crenças políticas e/ou religiosas. Quando os motivos se diferem dos citados anteriormente, dizemos que se trata de um imigrante.

Sobre isso, a legislação brasileira (Brasil, 2019, p.1-2) define imigrante como “pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil” e ainda, garante o acesso “a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social”.

Sabe-se que, no território brasileiro, segundo dados analisados por Cavalcanti, Oliveira e Silva (2021) e apresentados no “Relatório Anual OBmigra 2021”, há um número significativo de imigrantes vivendo em nosso país, alcançando a marca de mais de 1,3 milhões. Ainda nesse estudo, podemos identificar uma tendência de aumento dessa população, o que, por sua vez, implica diretamente na demanda por serviços garantidos em Lei como a educação, isto é, o acesso, permanência e sucesso desses imigrantes no sistema público ou privado de Ensino (Básico ou Superior).

No que diz respeito ao acesso à educação, segundo dados disponibilizados pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública em sua página oficial, entre os anos de 2010 e 2020, houve um aumento significativo na quantidade de estudantes imigrantes que se inscreveram nas escolas básicas. Sobre isso, tal levantamento indica um crescimento de, aproximadamente, 195% no número de matrículas desses alunos.

Diante do exposto, esse relato de experiência almeja compartilhar vivências de residentes do Programa Residência Pedagógica (PRP) de uma instituição de ensino superior do Estado de Minas Gerais, do curso de Licenciatura em Matemática, em uma escola pública da cidade, parceira do Programa, em que foi possível perceber um aumento de estudantes imigrantes, diferentemente de vivências anteriores como àquelas dos Estágios Supervisionados.

Nesse contexto, surgiu o interesse em compreender como esses estudantes lidavam com os enfrentamentos cotidianos no espaço escolar tendo em vista que, a partir do envolvimento

das residentes com os alunos da escola, era notável a existência de uma integração, mas, não necessariamente, inclusão deles com os demais participantes da comunidade.

Segundo estudos de Giroto e de Paula (2020), os fluxos migratórios precisam ser considerados quando se discute, por exemplo, o currículo das instituições de ensino e se faz necessário investigações que possam dar indícios das condições de vida, escolarização e enfrentamentos cotidianos desses estudantes nas escolas. Para eles, são “necessários esforços de inclusão dessa temática nos currículos” (Giroto; de Paula, 2020, p. 167).

As vivências na escola, em especial com os estudantes, davam indícios de que o espaço em questão recebia um número significativo de imigrantes e que, a partir das observações tecidas, muitos deles pouco compreendiam as ações desenvolvidas tanto dentro quanto fora de sala de aula uma vez que desconhecem o idioma brasileiro.

Assim, percebíamos um movimento de integração, ou seja, de “simples inserção, na sociedade, das pessoas que conseguem se adaptar a ela” (Moragas, 2022, n.p.), mas não, de inclusão, sobretudo, vista como

[...] princípios éticos como a celebração das diferenças, a igualdade para todos, a valorização da diversidade, o aprendizado cooperativo, a solidariedade, a igual importância das minorias em relação à maioria e o direito a todos de terem os suportes necessários para uma vida digna, com qualidade em todos os aspectos como lazer, cultura, trabalho e educação. (Capellini; Rodrigues, 2009, p. 356)

Nesse sentido, enquanto educadoras em constante processo formativo, começamos a nos questionar sobre qual o nosso papel diante de situações que ao “integrar”, promovem situações de “exclusões” ao invés de “inclusões”. Sobre isso, Lübeck e Rodrigues (2013) afirmam que

[...] uma educação para inclusão exige do educador uma postura que considere a diferença não como o/um motivo para a exclusão, mas sim o seu contrário, isto é, como uma matéria-prima a partir da qual todo e qualquer educador pode articular e produzir sua obra enquanto atua. (Lübeck; Rodrigues, 2013, p. 9)

Assim, ao encontro dos dados e reflexões supracitadas e diante da necessidade de problematizar a questão do imigrante no campo educacional (Giroto e de Paulo, 2020), optamos por conduzir uma investigação, por meio de questionários anônimos, visando compreender possí-

veis enfrentamentos cotidianos vivenciados por estudantes imigrantes na escola em que atuamos como residentes no programa PRP.

Cumpra esclarecer que se trata de uma pesquisa qualitativa tal como proposto por Rodrigues, Oliveira e Santos (2021, p. 159), ou seja, que “tem como principais características ressaltar a natureza socialmente construída a partir da realidade, a relação entre o pesquisador e o objeto de estudo bem como as qualidades e os processos da experiência”.

Desse modo, na sequência, apresentamos um relato do percurso metodológico traçado e a discussão de alguns elementos que nos chamaram atenção, a partir do que foi relatado pelos estudantes imigrantes matriculados na escola parceira do PRP onde atuamos.

COMPREENDENDO ALGUNS ENFRENTAMENTOS COTIDIANOS

Diante na necessidade de nos aproximarmos e conhecermos alguns enfrentamentos cotidianos vivenciados pelos estudantes imigrantes da escola, foi elaborado um questionário, anônimo, voltado, exclusivamente, aos alunos estrangeiros matriculados no Ensino Fundamental e Médio, da escola em que atuamos como residentes.

Ainda sobre isso, cumpre esclarecer que, a partir das observações diárias, pudemos identificar que, em geral, eles tentavam se comunicar ora em inglês ora em português e, por isso, optamos por disponibilizar duas versões do questionário, respeitando o idioma de preferência deles.

Tendo em vista o desejo de compreendermos a nacionalidade de cada um deles e nos aproximar de enfrentamentos cotidianos, sobretudo, àqueles vivenciados no âmbito escolar, elencamos as seguintes questões:

1. Qual sua nacionalidade?
2. Em quais línguas você é fluente?
3. Você enfrentou, ou ainda enfrenta, alguma dificuldade diante das barreiras linguísticas? Se sim, quais?
4. Em relação às diversidades culturais, você enfrentou, ou ainda enfrenta, algum problema? Se sim, quais?
5. Quais meios você utiliza para se adaptar ao idioma? Por exemplo: Aplicativos de tradução, dicionários, ajuda de colegas ou familiares etc.
6. Como você se sente em relação ao acolhi-

mento da comunidade escolar (professores, diretores, alunos e demais funcionários) com os estrangeiros?

7. Quais mudanças você sugere para que a escola tenha uma recepção mais adequada dos alunos estrangeiros?
8. Você percebe alguma diferença entre as escolas do seu país de origem e as escolas brasileiras?
9. Em relação à Matemática, você percebe alguma diferença entre as escolas do seu país de origem e as escolas brasileiras?

Esse questionário foi impresso e entregue, pessoalmente, a todos os estudantes estrangeiros da escola em forma de convite à participação e, por isso, eles poderiam optar por responder ou não. Além disso, caso a escolha fosse por preencher o formulário, eles também tinham liberdade de fazer isso na escola ou em suas casas.

Sobre isso, o que pudemos perceber é que, os estudantes que tinham certo domínio do idioma no qual eles escolheram responder ao questionário, fizeram isso de imediato, ou seja, na escola, enquanto os demais, preferiram fazer em suas respectivas casas e solicitaram um prazo maior, de aproximadamente uma semana, o que, prontamente foi atendido.

Após essa etapa de elaboração e disponibilização do questionário e decorrido o período solicitado por alguns estudantes, as respostas foram recolhidas tanto por nós quanto por professores da escola que se disponibilizaram a contribuir com o trabalho e iniciamos o movimento analítico.

Para isso, nosso primeiro movimento foi assumir as respostas produzidas pelos estudantes como sendo escritas narrativas tal como propõe Zaqueu-Xavier (2021, p. 4), ou seja, “meios pelos quais nos subjetivamos e compreendemos a nós mesmos e ao mundo que criamos” e assim, nos inspiramos na análise narrativa proposta por Bamberg (2012) que, de modo sintético, a caracteriza como sendo o momento em que a pesquisa assume as narrativas como foco de seu estudo.

Dito isso, ressaltamos que a pesquisa abrangeu todos os alunos estrangeiros matriculados na escola - oito - e apresentou uma diversidade de países de origem e línguas faladas. O quadro abaixo, sintetiza essas informações.

Quadro 1 - Relação país de origem x idioma

País de origem	Idioma (fluente)
Afganistão	persa
Bangladesh	bangla, hindi, inglês e português
Bangladesh	bangla, hindi, urdo, inglês e português
Egito	árabe
Venezuela	espanhol e português
Venezuela	espanhol e português
Iêmen	árabe
Iêmen	árabe

Fonte: Autores (2023)

Em 2018, a The Organization for Economic Cooperation and Development (OECD) conduziu uma pesquisa, em nível global, que revelou que um dos principais desafios enfrentados pelos imigrantes ao longo de sua jornada escolar é a adaptação ao novo idioma. No Brasil, o trabalho de Giroto e de Paula, publicado em 2020, não só constatam essa questão como acrescentam outro aspecto: a falta de apoio do Estado.

As relações com o idioma estiveram presentes nas respostas dos estudantes que relataram dificuldades relacionadas à escrita, pronúncia e significado de palavras, termos e expressões, sobretudo, àquelas que são próprias da Língua Portuguesa. Sobre isso, um dos participantes indicou que foi preciso um período de adaptação de dois anos para que sua comunicação, segundo ele, se desse de modo fluente, porém, não mencionou o que precisou fazer, com o apoio de quem e onde, para aprimorar-se no idioma.

Ainda sobre a questão do idioma, a partir dos relatos narrativos, percebemos que, de forma geral, os estudantes familiarizados com o Espanhol tiveram uma adaptação à Língua de modo mais aligeirado. Para nós, essa “facilidade” pode ir ao encontro da origem latina compartilhada por ambas as línguas - português e espanhol - o que pode ter facilitado a transição entre elas, fato que não foi evidenciado nos outros idiomas.

Outro aspecto levantado durante a análise, está relacionado à diversidade cultural e religiosa. Nesse sentido, Ribeiro e Negro (2022, p. 73) afirmam que a religião, em especial, exerce papel fundamental na vida dessas pessoas. Para eles, “na tensão entre a dor da ruptura e o desejo de reconstruir a vida, a religião permite a ele refazer seu quadro referencial e minimizar o sofrimento”.

Nessa direção, uma das narrativas nos chamou atenção para o fato da estudante afirmar que seguir com suas crenças e vestimentas foi um desafio, pois sentia “olhares” que a incomodavam. Cabe ressaltar que se trata de uma participante mulçumana que, conseqüentemente, vive os preceitos da religião Islam.

Além disso, outra narrativa sugere a criação de um espaço para que eles, os muçulmanos, possam praticar suas orações. Na religião Islam, assim como o jejum e a doação, o Salat - oração - é uma prática obrigatória, realizada cinco vezes ao dia, em horários específicos, seguindo a posição do sol.

Para nós, enquanto docentes, é desejável a compreensão de que, independente da área de atuação, incluir esses estudantes é compreender que suas religiões, crenças, símbolos e ritos, são importantes para reorganizarem sua existência (Ribeiro; Negro, 2022) e que, valorizar esta diversidade cultural e religiosa na escola, tal como indicado por outro estudante em sua narrativa, pode ser uma via para a compreensão da necessidade e do que, de fato, é a inclusão.

Aqui, nos remetemos a fala de Chimamanda Ngozi Adichie em “O perigo de uma história única”, na qual a autora aborda as consequências de se ter uma história apresentada a partir de uma única perspectiva. Ao dizer narrar uma história cujas personagens eram sua colega de quarto e ela, Chimamanda afirma que

[...] ela já sentia pena de mim antes de me conhecer. Sua postura preestabelecida em relação a mim, como africana, era uma espécie de pena condescendente e bem-intencionada. Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos (Adichie, 2009, p. 9).

Neste contexto, é possível observar que percepções e narrativas culturais, por vezes distorcidas e limitadas, podem contribuir para a criação de barreiras e preconceitos. Quando se trata de estudantes estrangeiros, as ideias pré-concebidas que os colegas possam ter sobre seus países de origem podem levar a sentimentos de descontentamento e dificuldades, uma vez que essas perspectivas nem sempre refletem a realidade e desconsideram a afeição que esses estudantes têm por suas terras de origem. A falta de compreensão mútua pode, assim, afetar negativamente a experiência acadêmica e

social desses alunos.

Além das questões culturais e religiosas, as narrativas também dizem sobre enfrentamentos cotidianos para adaptação, especificamente, ao ambiente escolar. Ao longo da nossa experiência, foi evidente a importância dos aplicativos de tradução para os alunos que não dominam o idioma. Entretanto, percebemos que o acesso à *internet*, fundamental para a sua utilização, fica sob a responsabilidade do estudante. Isso significa que, em muitos casos, sua capacidade de comunicação, consequentemente, relação e inclusão, depende de suas condições financeiras, já que o acesso à *internet* ou rede *Wi-Fi* é quase inexistente em espaços para além do laboratório de informática e secretaria da escola.

A carência de recursos que permitem a comunicação dos alunos estrangeiros pode ter um impacto direto em sua permanência na instituição. Porém, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394/96), um dos princípios fundamentais do ensino é garantir “igualdade de condições para acesso e permanência na escola” (Brasil, 1996, p. 1). Essa situação nos leva a crer que exista uma disparidade entre os alunos nativos e imigrantes em relação às políticas de apoio e permanência escolar.

Por outro lado, algumas narrativas evidenciam aspectos positivos em relação ao acolhimento proporcionado pela comunidade escolar, embora haja oportunidades para aprimoramentos. Pequenos gestos, como de um professor de Matemática, demonstra o quão é importante promover a inclusão. Em suas aulas, por exemplo, ele demonstra um interesse autêntico em aprender a tradução dos números do português para o árabe, o que gera um ambiente de troca e valorização da diversidade.

Por fim, outro ponto de interesse na análise dessas narrativas era nos aproximarmos dos enfrentamentos, inclusive, com a Matemática. Sobre isso, pudemos evidenciar que os estudantes tendem a exercer uma comparação direta entre os sistemas de ensino de origem e o brasileiro, o que, para nós, carece de atenção tendo em vista as especificidades de cada um.

Um exemplo visto nas narrativas, em relação às comparações diretas, é de um estudante vindo do Egito narrou que, na sua escola, estudar Matemática não era obrigatório por isso, tem dificuldades em compreender essa “obrigatoriedade” no Brasil. Além disso, muitos narrraram que os conteúdos curriculares estudados

havam sido abordados em seus países, sugerindo um “atraso” dos brasileiros em relação aos estudantes de seus países de origem.

Sobre isso, é importante notar que as informações narradas pelos estudantes não foram suficientes para que pudéssemos investigar os currículos dos países/cidades/comunidades de origem, portanto, conclusões como as aventadas por eles são prematuras e carecem de atenção e investigação.

CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Ao realizar esse trabalho tivemos contato com alunos de diferentes nacionalidades e compreendemos alguns de seus enfrentamentos cotidianos. Nos aproximar deles, para nós, é fundamental para pensarmos ações que permitam equidade e inclusão efetiva.

O professor (de Matemática) também tem a responsabilidade de educar e formar cidadãos, logo, é fundamental a busca por práticas que valorizem, em sala de aula ou não, a diversidade da comunidade escolar.

Como anunciado por Lübeck e Rodrigues (2013), “Incluir é melhor do que integrar” e incluir é valorizar a diferença, a diversidade e desconstruir um olhar para o diferente como algo “frágil”, “estranho”, “coitado”, “incapaz” etc.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N.. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BAMBERG, Michael. Narrative Analysis. In: COOPER, Harris. (Ed.). *APA Handbook of Research Methods in Psychology*. Washington, DC: APA Press, 2012. p. 77-94.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Institui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Brasília, 2017.
- CAPELLINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. Concepções de professores acerca dos fatores que dificultam o processo da educação inclusiva. *Educação*, Porto Alegre, v.32, n.3, p. 355-364, 2009.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. Relatório Anual 2021 - 2011-2020: *Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil*. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

GIROTO, G.; de PAULA, E. M. A. T. Imigrantes e refugiados no Brasil: uma análise sobre escolarização, currículo e inclusão. *Revista Espaço do Currículo*, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 164 - 175, 2020.

LÜBECK, M.; RODRIGUES, T. D. Incluir é Melhor que Integrar: uma concepção da Educação Etnomatemática e da Educação Inclusiva. *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*, v.6, n. 2, p. 8-23, 2013. Disponível em: <https://www.re-dalyc.org/articulo.oa?id=274028386002> . Acesso em: jun. 2023.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICOS. MJSP. *Apresenta dados inéditos sobre imigração e refúgio da última década no Brasil*: Número de refugiados reconhecidos por ano passou de 86 para mais de 26 mil, no comparativo de 2011 com 2020, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/mjsp-apresenta-dados-ineditos-sobre-imigracao-e-refugio-da-ultima-decada-no-brasil> . Acesso em: maio 2023.

MORAGAS, V. J. Inclusão ou integração? *Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios*, Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/semestres-da-inclusao/inclusao-ou-integracao>. Acesso em: maio 2023.

ORGANISATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). *The Resilience of Students with an Immigrant Background: Factors that Shape Well-being*. Paris: OECD Publishing, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/9789264292093-en> . Acesso em: maio de 2023.

RIBEIRO, C. de; NEGRO, F. de. Migração, diversidade religiosa e o princípio pluralista: o conceito de inreligiosa de Andres Torres Queiruga e a dramaticidade das experiências de migração. *Fronteiras*, Recife, v. 5, n. 1, p. 66-86, 2022.

RODRIGUES, T. D. F. F.; DE OLIVEIRA, G. S.; DOS SANTOS, J. A. As Pesquisas Qualitativas e Qualitativa na Educação. *Revista Prisma*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

ZAQUEU-XAVIER, A. C. M. Narrativas na (e para a) formação de professores: algumas mobilizações no âmbito do Pibid-UFSCar. *Educação*, Santa Maria, v. 46, p. 1 - 24, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/44169/pdf>. Acesso em: agosto de 2023.